

ASSOCIAÇÃO DE ARTES VISUAIS
NOVAS TENDÊNCIAS

RUA GENERAL JARDIM 676
SÃO PAULO 2 SP BRASIL

INAUGURAÇÃO DA GALERIA NT
9 ● DEZEMBRO 1963 21:00

COLETIVA INAUGURAL 1

ALBERTO ALIBERTI
ALFREDO VOLPI
CAETANO FRACCAROLI
HERMELINDO FIAMINGHI
JUDITH LAUAND
KAZMER FEJER
LOTHAR CHAROUX
LUIZ SACILOTTO
MAURICIO NOGUEIRA LIMA
MONA GOROVITZ
WALDEMAR CORDEIRO

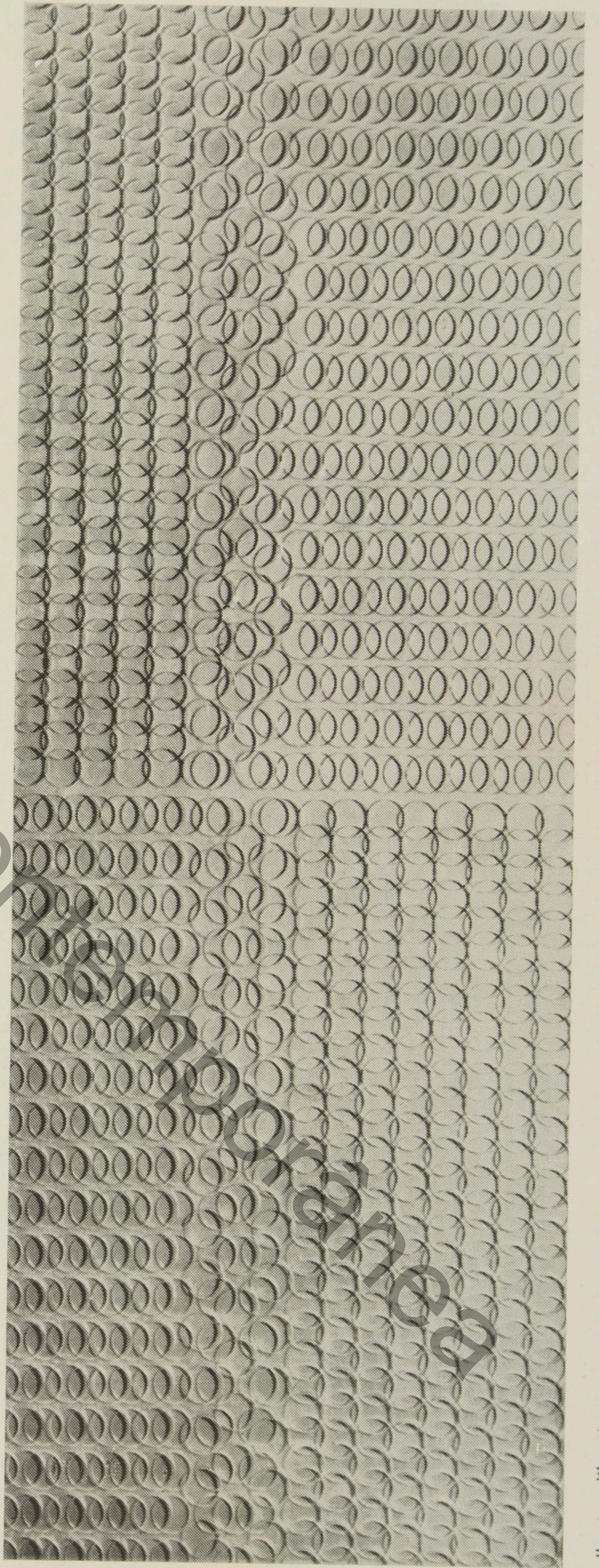
instituto de arte contemporânea

instituto de arte

NT não pertence a um grupo, nem visa uniformizar opiniões. NT é uma condição aberta aos artistas que, no âmbito de uma natureza comunicativa direta, autônoma e substantiva, contribuem para a delineação das novas poéticas.

NT, portanto, não subscreverá eventuais tentativas de englobar anônimamente os seus expositores em mais um "ismo". Diversamente, é partindo da simultaneidade de pesquisas, sensibilidade individual e opiniões de cada artista, que se poderá ter uma visão real das contradições - dialéticamente falando - que caracterizam a situação presente da arte de vanguarda.

NT pretende, outrossim, oferecer ao público a informação adequada e qualificada, nacional e internacional de idéias que tenham relação com as novas tendências da arte de vanguarda.

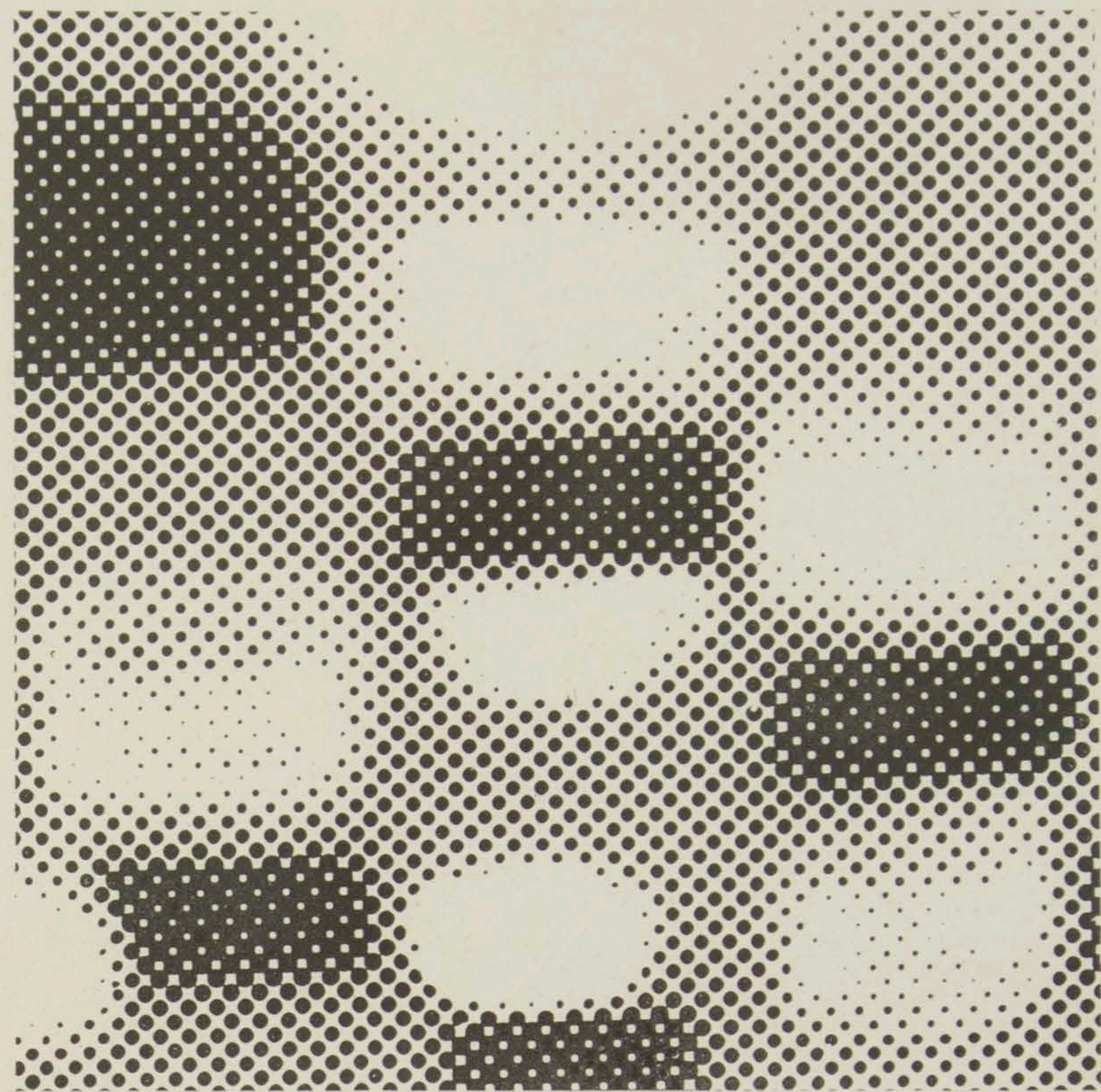
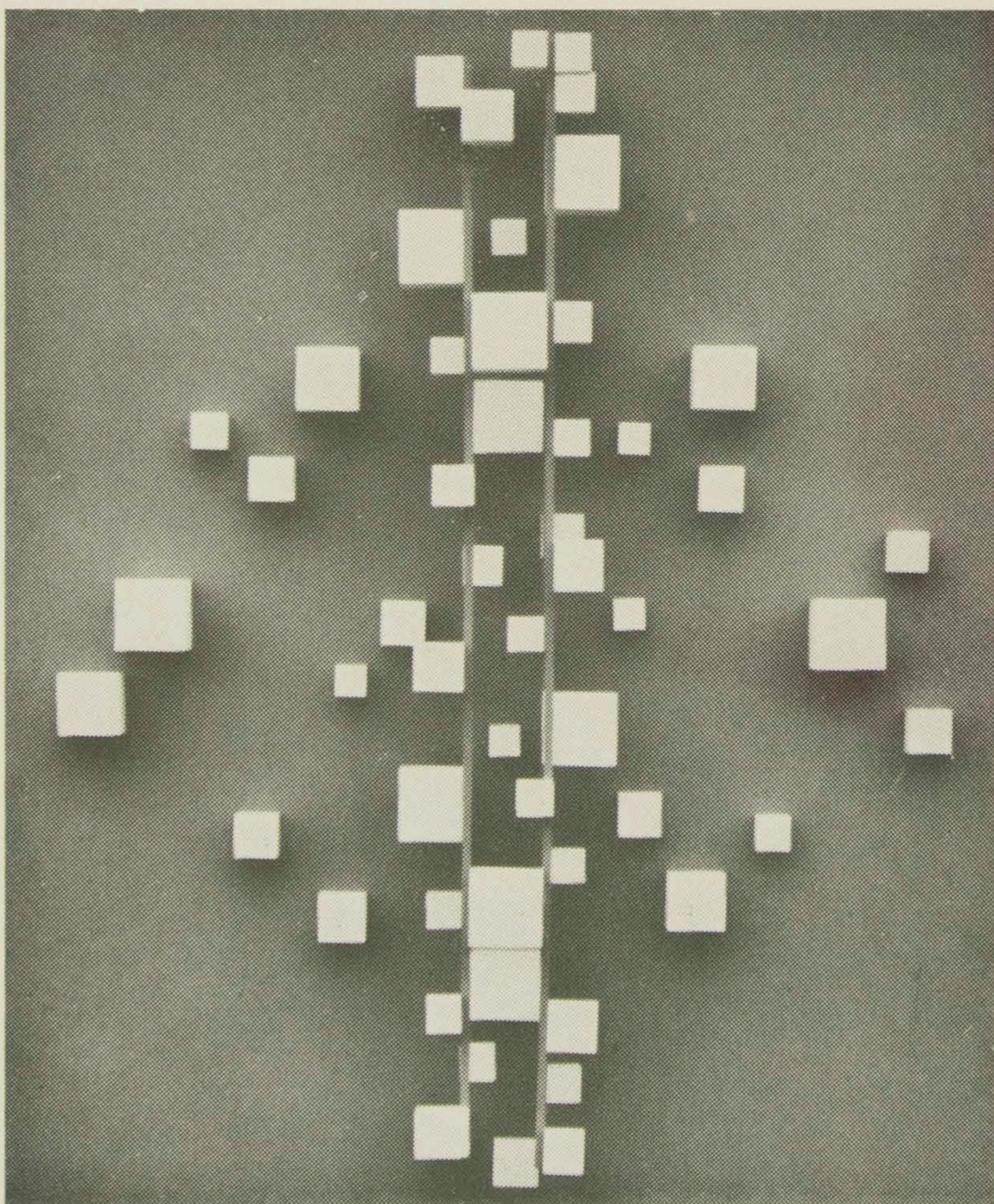


alberto liberti - superposição de vasos nº 19 - 1963 - plexiglass e aço inoxidável - 30 x 76 cm.



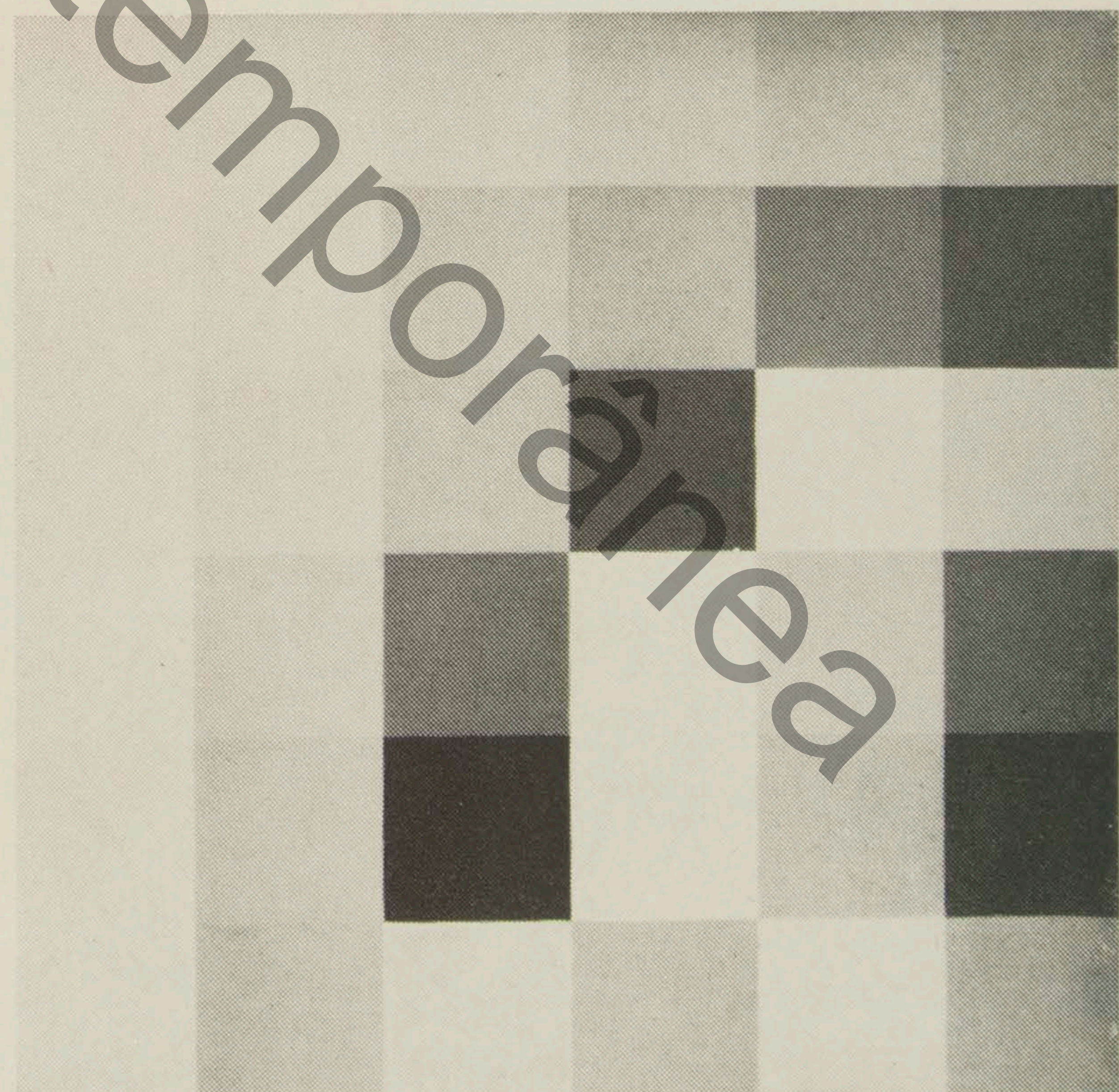
alfredo volpi - composição - 1963 - têmpera sôbre tela - 67 x 97 cm.

caetano fraccaroli - cubos - 1963 - madeira pintada - 63 x 45 cm.



hermelindo fiaminghi - retícula côr-luz nº 10 - 1962 - (fusão e difusão da côr por incidência de luz) - projeto em película transparente sensível à côr para seleção à côres por "masking process" - prova final impressa por "off set - tief" sôbre papel - 50 x 60 cm - obra multiplicável.

judith lauand - pintura - 1963 - têmpera sôbre tela - 60 x 60 cm.



a obra de arte é destinada a produzir uma experiência efetiva e duradoura no meio em que ela se instaura, cumprindo a finalidade precípua para a qual foi criada.

tôda teorização se enfraquece diante da obra e de sua experiência.

alberto aliberti.

expressão concreta: forma, côr e movimento; denominador entre passado e presente,

caetano fraccaroli

o ritmo da vida de hoje é vertiginoso. atualmente, um conhecimento global da cultura, da sociedade, da ciência, da técnica, vai gradativamente se tornando mais difícil para o indivíduo acompanhar. o conhecimento diversifica-se; considerando o volume com que êle surge dia a dia para atender a uma maior sêde de descobertas, o homem especializa-se. os vários especialistas, trabalhando em conjunto, vão acelerando o desenvolvimento dos diferentes setores do conhecimento. os produtos dessa evolução passam a ser consumidos quase com a mesma rapidez. os intelectuais produzem também, em estágios cada vez mais acelerados, para satisfazer uma crescente demanda do novo. junto a êsse processo existe um indivíduo criador isolado: o artista solitário. haverá necessidade de uma participação ativa do criador paralela ao mecanismo evolutivo?

sempre que a sociedade mude é preciso criar novas formas de comunicação porém isso não será o fim da expressão do indivíduo. o homem criador, que não modifica a sociedade, que não compõe fórmulas ou fabrica bombas, é superior em sua capacidade de raciocinar e de perceber. êle não inventa mas compreende.

kazmer fejer

a situação para mim é clara: ou passamos a considerar a arte concreta do ponto de vista do desenvolvimento histórico da sua natureza comunicativa autônoma e direta, em contínuas transformações quantitativas e qualitativas, identificando-a com os aspectos substantivamente novos e criativos da arte contemporânea, ou, diversamente, a arte concreta na acepção histórica pertence ao passado e terminou a sua existência.

a experiência concreta começou para mim como decorrência de uma atitude em face da situação criada pela mostra inaugural do museu de arte moderna de são paulo e pelas polémicas que se seguiram. tratava-se de ser radical afim de contribuir para uma longa sobrevivência da arte não-figurativa. os adversários, defensores de modalidades várias de realização de ingênua espontaneidade, não satisfaziam as necessidades de uma adequação histórica de caráter internacional, exacerbando, como reação, a minha busca de uma objetividade que se identificava com um racionalismo de esquemas e apriorismos. embora a nossa arte (refiro-me aos tempos do grupo ruptura - 1952 - lembrando principalmente sacilotto, charoux e barros) fôsse motivada por uma conduta contingente, produto de um atuar agressivo no ambiente, refletiu, de outro lado, de modo peculiar, a onda de racionalismo que vigorou na arte européia no último após-guerra.

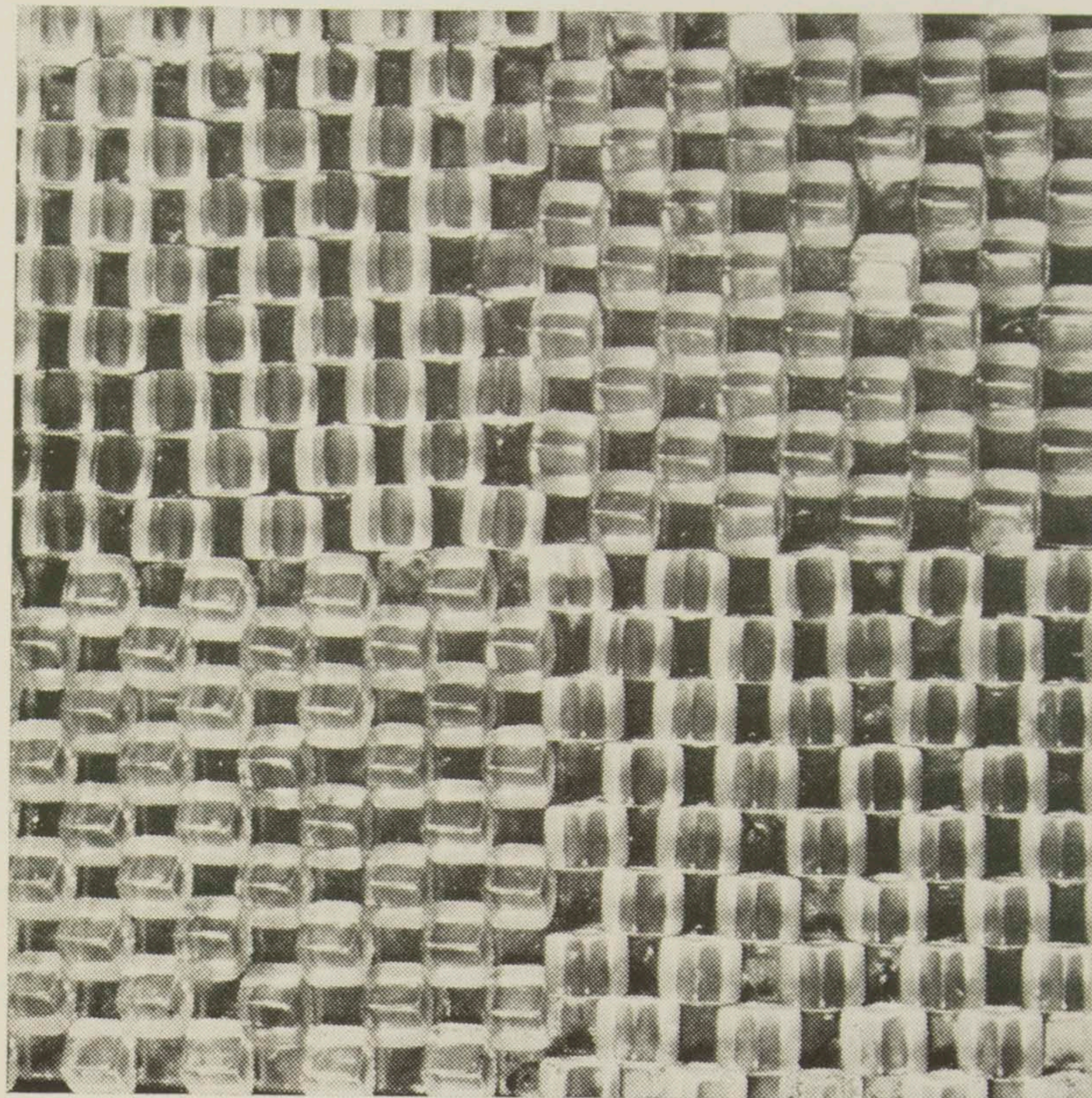
é sem dúvida êsse ser fundamentalmente relação que vem alterando as preferências. antes viví a série das estruturas geométricas determinadas e determinantes, depois uma versão substantiva da poética informal. e é a partir dessa última experiência que as impostações causais se tornaram para mim obsoletas, assim como a arte concreta histórica criadora de esquemas. o informal deixou marcas profun-

das e hoje desaparece levando consigo todos os purismos acadêmicos. fica no entanto o seu apêlo para um "retôrno às coisas", ou, se preferirem, à matéria, e a mancha que significa ambigüidade, indefinido, possibilidades de escolha e de direções de leitura, movimento, instabilidade e aleatório. depois do informal, a tendência é construir, mas, como escreve nelô ponente, não reconstruir. a forma como processo construtivo e o papel ativo do espectador na arte atual de vanguarda dão o tiro de misericórdia na poética do objeto em si. é, como escreve umberto eco, a "opera aberta", i.e., um objeto não-unívoco, que usa signos não-unívocos ligados por relações não-unívocas.

é cada vez mais evidente para mim a necessidade de diminuir o provável (significado) em favor do improvável (informação). não o contrôle do aleatório, mas a surpresa, a desordem e a imprevisibilidade do aleatório. do aumento de significado, de acôrdo com a teoria da comunicação, decorre uma estrutura mais provável, ao passo que o aumento de informação é diretamente proporcional à sua não-probabilidade. parece-me que na arte o significado poderia ser identificado com o que geralmente é chamado de "conteúdo", e a informação poderia corresponder à invenção de estruturas formais novas. exemplificando, a expressão mais radical de arte de significado seria a pintura russa contemporânea, cuja comunicação está baseada num máximo de redundância, e o aproveitamento de estruturas formais consumidas e previsíveis garantem um tipo de informação intencional que não evade nem contradiz o sistema. o oposto, no entanto, se dá com certos artistas norte-americanos, como weinrib e sugarman, por exemplo, cujas obras eram de fato improváveis.

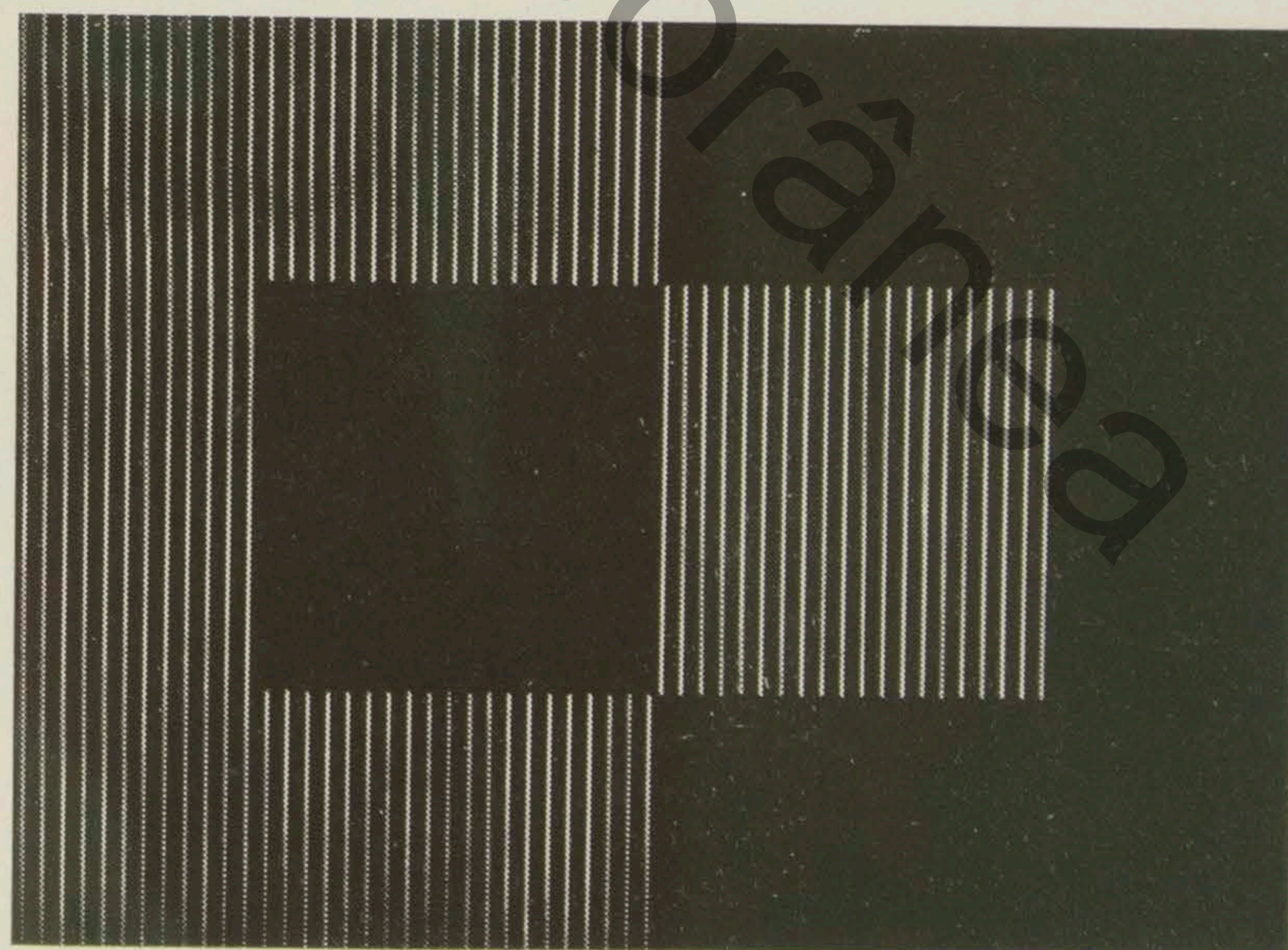
na discussão em tôrno da arte concreta o termo "racional" aparece constantemente, de um lado, em termos de uma redução de caráter técnico (projeto); de outro, enquanto ilustração de noções científicas - atitude que esconde na maioria das vêzes o desejo inconfesso de subtraí-la de responsabilidades históricas e ideológicas diretas. e a arte é "explicada" nesses casos pelos mais abusivos heteronismos. em ambos os casos citados, no entanto, parece-me evidente que se trata de uma racionalidade ligada ao que acima chamamos de significado, enquanto previsibilidade. mas, me pergunto, no caso oposto, em se tratando de uma arte de informação, produto (fiedler), não expressão de uma problemática mas ser realidade sòmente no instante em que aparece e não por fôrça de antecedentes e heteronomismos e nessa medida não-provável, como poderíamos representar em palavras essa racionalidade? é possível que a racionalidade da arte de informação tenha algo em comum com a racionalidade individual de que nos falou gottlieb. as "metáforas epistemológicas" (umberto eco) dos artistas são ainda a melhor teoria.

demolir o significado é demolir o sistema. é a desordem ou, como escreve umberto eco, um tipo de não ordem habitual e previsível. uma racionalidade da desordem, se não fôr um paradoxo, que no plano social, quiçá, devolva ao indivíduo algo do muito que lhe usurparam. e no plano social, falar entre nós de imprevisibilidade e desordem não há originalidade. mas é também uma redundância lembrar que tôda desordem é ordem por outro parâmetro. e é nesse terreno, sem escamotear o problema histórico e ideológico, que as novas tendências da arte concreta deverão enfrentar o mais recente fenômeno de arte de significado: a "nova figuração". waldemar cordeiro



kazmer fejer - objeto nº 11 - 1963 - poliéster sôbre acrílico - 50 x 50 cm.

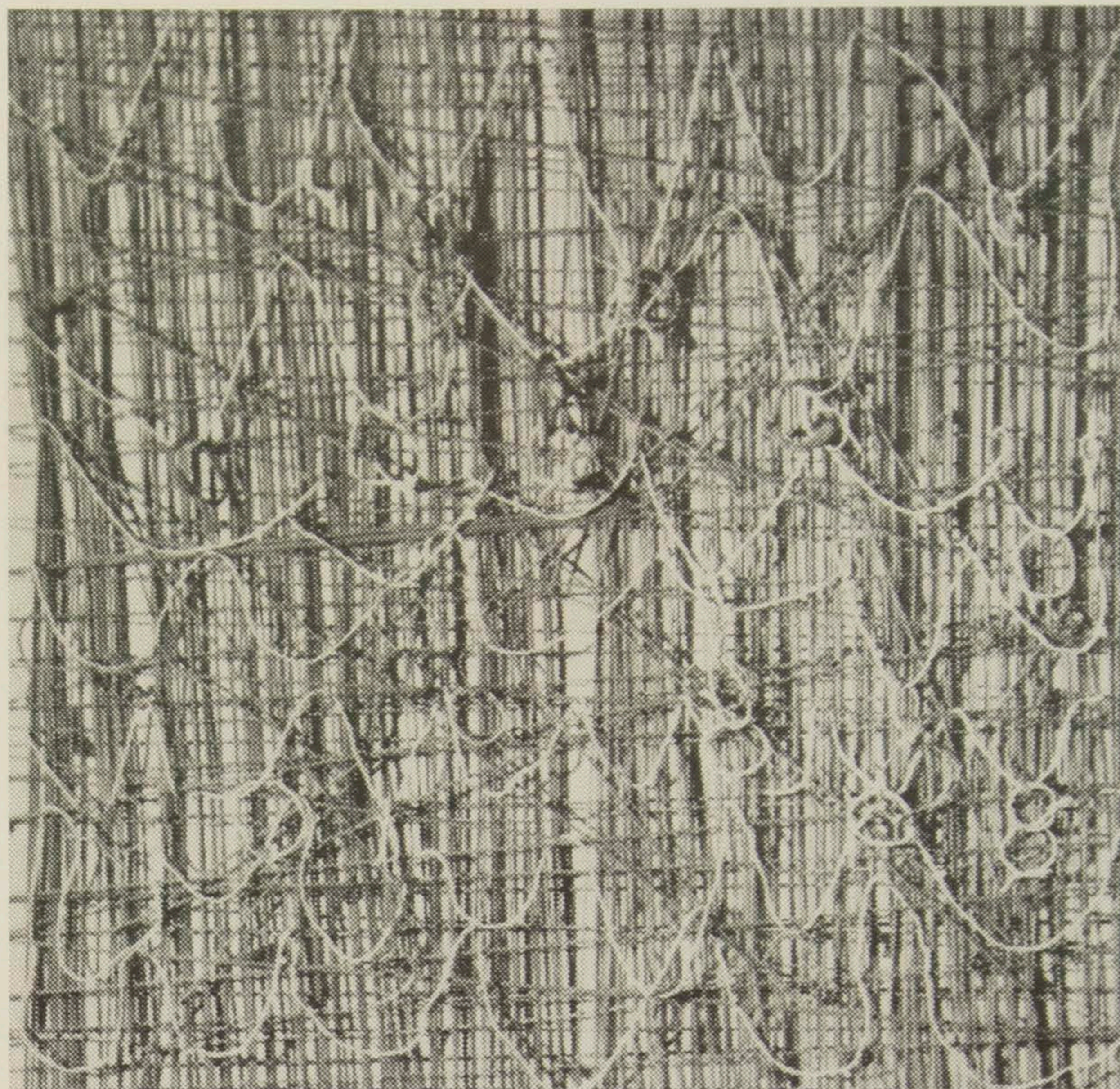
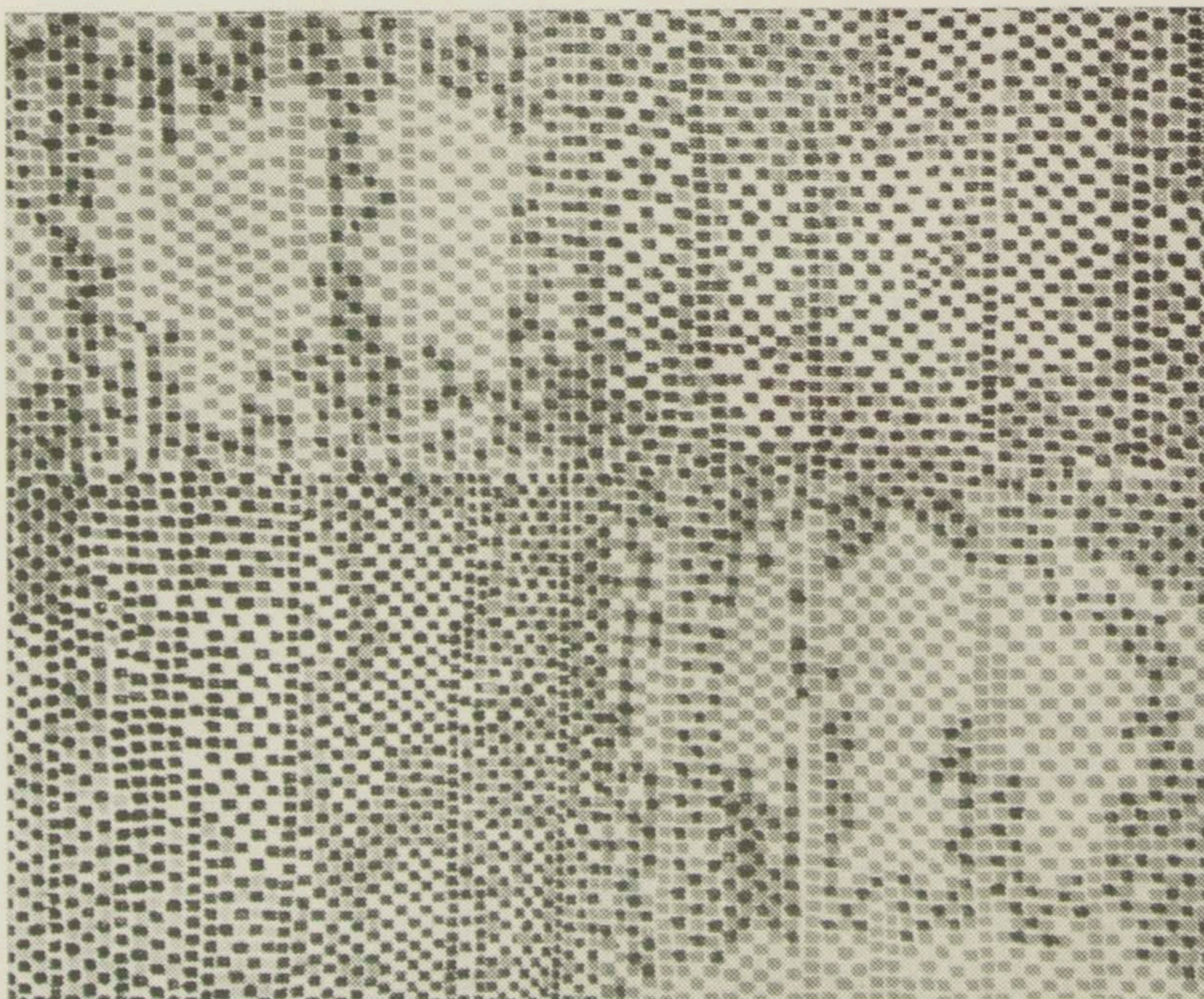
lothar charoux - desenho - 1963 - guache sôbre papel - 70 x 50 cm.





luiz sacilotto - concreção 5163 - 1963 - latão polido -
40 x 40 cm.

mauricio noqueira lima - pintura - 1963 - óleo sôbre tela -
50 x 61 cm.



mona gorovitz - sim ou não - 1963 - lã e barbante sôbre
estrutura de alumínio - 60 x 60 cm.

waldemar cordeiro - aleatório - 1963 - prismas verticais e
horizontais móveis de espelho sôbre fundo de espelho, atrás
de chapa furada de ferro pintada, numa caixa de alumínio
desmontável - 40,7 x 57,2 x 8,1 cm - obra multiplicável.

